

JEAN BAUDRILLARD, CONFORMISMO E RESISTÊNCIA

Sérgio Luiz Prado Bellei

Como uma possível sugestão para debate, gostaria de apontar brevemente para a leitura já clássica, indispensável e inquietante que Jean Baudrillard faz da atualidade e sugerir, em seguida, que essa leitura constitui, para nós que vivemos em um contexto particularmente marcado pela atraso tecnológico, pela indigência, e pela opressão (vale dizer, o contexto do Terceiro Mundo), um desafio inadiável. Digamos, de forma simplificada, que a obra de Baudrillard examina criticamente e com admirável precisão um certo estado de coisas na Era Contemporânea (que alguns preferem chamar pós-moderna), para logo em seguida argumentar que, dada a natureza desse estado de coisas, já não é possível pensá-lo em termos dos modelos tradicionais de superfície e profundidade. O que significa que já não é possível pensar o contemporâneo em termos das categorias de falso e verdadeiro, de essência e aparência, de imanência e transcendência, de realidade e signo (significante e significado), de produção e consumo, enfim, já não é possível pensar o real nas categorias consagradas durante séculos e que nos davam uma certa segurança em nosso relacionamento com o mundo e, principalmente, nos davam a possibilidade de resistir ao lado negativo dessas dualidades, resistir ao falso, por exemplo. A atualidade já não se deixa ler em termos desse modelo porque nela as tecnologias de reprodução chegaram a um tal grau de desenvolvimento que o real já está desde sempre constituído de reproduções de reproduções desprovidas de um ponto de origem. Ou, como às vezes se diz, um mundo de cópias perfeitas de um original que não existe. Vivemos, em resumo, em uma época de máquinas de reprodução, a genética reproduzindo clones, o computador reproduzindo informação, e, principalmente, a televisão reproduzindo imagens desprovidas de um real palpável. Já não é o mundo do REAL, mas o mundo do HIPERREAL, o mundo de Madonna, Michael Jackson, e da Rede Globo, mas também, o mundo de Watergate, da Guerra do Golfo, da derrubada de Fernando Collor e do Escândalo do Orçamento. Nesse mundo HIPERREAL, todos os conceitos que tínhamos de realidade, humanismo (o humano como programável geneticamente), vida, morte real (morte vertical, morte horizontal, eternidade clônica), imortalidade, falsidade, autenticidade, fenômenos extremos, a história humana devem ser redefinidos e repensados.

A maneira como Baudrillard repensou conceitos incomodou muita gente. Por exemplo, a sugestão de Baudrillard, dias antes da irrupção da Guerra do Golfo, de que a guerra nunca aconteceria, e a afirmação, após o término da guerra, de que ela não acontecera, irritou profundamente certos intelectuais ligados ao materialismo cultural britânico. Christopher Norris escreveu um artigo sob o título "Baudrillard e a guerra que nunca aconteceu" argumentando que Baudrillard tinha ido longe demais em sua leitura da guerra. No entanto, em certo sentido, como diz Baudrillard, a guerra foi um evento hiperreal, produzido por uma tecnologia hiperrealista que excluiu a possibilidade da guerra real. Evidentemente, o mesmo poderia ser dito de certos acontecimentos políticos brasileiros: A Queda Collor, o Escândalo do Orçamento, que só aconteceram (hiper-)realmente na tecnologia de reprodução da TV.

Essa leitura da atualidade questiona uma certa ética de ação e de resistência tradicionalmente aceita sem problemas. Dizendo de forma simplificada: em uma realidade à qual não se aplica o modelo de superfície e profundidade e na qual tudo é imagem que já não pode ser pensada como verdadeira ou falsa, como estabelecer o que é verdadeiro e falso para propor formas de resistência? A resposta não é fácil, certamente não tão fácil como sugere o artigo de Christopher Norris. As alternativas parecem ser: ou somos ingênuos e inventamos o falso a partir da reprodução da mídia para resistir a ele, lutando assim de certa maneira contra moinhos-de-vento, ou, como sugere Baudrillard em *Estratégias Fatais*, ficamos totalmente indiferentes às questões de verdade e falsidade fabricadas pelos meios de comunicação. Ou protestamos contra uma falsidade inventada, ou ficamos em silêncio. Reutilizando uma metáfora usada pelo próprio Baudrillard, diríamos: ou resistimos à chuva abrindo o guarda-chuva, ou ficamos com o guarda-chuva debaixo do braço e não o abrimos sob nenhum pretexto. O problema é que, qualquer que seja a escolha, parece que estamos em um beco sem saída, já que a resistência ativa parece ser ingênua e a passiva, dado o poder persuasivo das tecnologias de reprodução, não parece ser uma opção real e eficaz no horizonte da Era Contemporânea. A menos que, como sugeriu Edgar Morin em sua palestra, o devir histórico seja uma caixa de surpresas e um milagre aconteça. Parece que, abrindo ou fechando o guarda-chuva, nos molhamos. "Se correr, o bicho pega; se parar, o bicho come". É sobre esse problema do beco sem saída em que parecemos estar diante do poder das tecnologias de reprodução que gostaríamos de ouvir mais de Jean Baudrillard, talvez com um comentário a respeito do exemplo da Guerra do Golfo.

Até porque, como sugeri no início, em nosso contexto de indignação e opressão, parece ser particularmente urgente examinar a eficácia dessas duas éticas de resistência problematizadas pela obra de Jean Baudrillard.